

ICONOGRAFIA E LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: UM OUTRO OLHAR ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS SOBRE AS POPULAÇÕES NEGRAS

Janailson Macêdo Luiz

Graduando em História pela UEPB – Bolsista PIBIC/CNPq/UEPB – Integrante do NEAB-Í

E-mail: janailsonmacedo@hotmail.com

Maria Lindaci Gomes de Souza (orientadora)

Profª Dr.ª do DHG da UEPB – Integrante do NEAB-Í

E-mail: mlgsouza26@hotmail.com

Palavras-Chaves: Livro Didático, Iconografia, Populações negras.

Este artigo apresenta discussões levantadas durante a revisão da literatura que deu bases a uma pesquisa que objetivou analisar as modalidades de uso e as formas de apropriação das representações iconográficas sobre os negros nos livros didáticos de História da 7ª série adotados entre 2002 e 2007, pelo corpo docente da Escola Estadual de ensino Fundamental e Médio Dr. Hortêncio de Souza Ribeiro (PREMEN), localizada em Campina Grande-PB.

Além disso, nas páginas que seguem também é apresentada a metodologia utilizada durante as análises iconográficas. Métodos que foram inspirados nas análises e resultados encontrados por diversos pesquisadores que se debruçaram sobre as representações dos negros nos livros didáticos e sobre as análises iconográficas. Acreditamos que a divulgação destes métodos pode contribuir para a divulgação dos mesmos e para a utilização e o aperfeiçoamento deles por outros pesquisadores.

Um outro levantamento é a importância da formação de acervos iconográficos, contendo imagens variadas que mostrem pontos pertinentes a história e cultura afro-brasileiras, que devem ser acompanhados de discussões acerca das formas de apropriação destas iconografias nos seus períodos históricos de produção, bem como em momentos posteriores.

Conhecendo o Premen

O Premen, se localiza na Rua Otacílio Nepomuceno, sem número, Bairro do Catolé, Cidade de Campina Grande – PB. Atualmente esta escola possui cerca de setenta e cinco professores no seu quadro, sendo sete de História. A escola comporta turmas do ensino fundamental, do sexto ao nono ano, e do ensino médio, do primeiro ao terceiro ano. A estimativa da quantidade de alunos é de cerca de mil seiscentos e vinte quatro, sendo setecentos e

sessenta e sete matriculados no turno da manhã, seiscentos e cinquenta e um no turno da tarde e duzentos e seis à noite. A média de alunos por sala é de quarenta.

Existe neste estabelecimento de ensino uma grande quantidade de alunos que procedem do bairro onde a escola se localiza, e também de vários bairros circunvizinhos, sendo que um considerável número destes sujeitos mora em bairros distantes e alguns, inclusive, residem em cidades próximas a Campina Grande.

Com relação à estrutura física, o colégio, que já está em funcionamento há 28 anos, possui um total de quarenta salas de aula, além de um pátio amplo, sala de informática, biblioteca e um ginásio poli-esportivo recém construído. Há cerca de dois anos o Premem passou por uma reforma geral, que envolveu toda a sua estrutura.

Sobre o perfil étnico-racial dos alunos que estudam no colégio, a maioria dos alunos pode ser identificada como pertencente à categoria pardo, segundo a direção da escola. Esta categoria é utilizada pela direção no formulário de matrícula dos alunos, onde são apresentadas as mesmas nomenclaturas para identificação étnico-racial utilizadas pelo IBGE: preto, pardo, amarelo e branco.

Breve História das Representações Sobre os Negros nos LDs

Os temas *representações de negros em LDs brasileiros e racismo em LDs e seu combate* estão na confluência de diversos campos de estudo das ciências humanas, e envolvem múltiplos agentes que atuam no universo acadêmico, meio político e movimentos sociais, sobretudo no movimento negro (1). Estes temas passaram a fazer parte das políticas governamentais brasileiras em 1933, através de ações de expurgo da xenofobia em LDs. Contudo, o número de pesquisas feitas sobre estes assuntos entre 1950 e 2003 é considerado como incipiente e reduzido em comparação a abordagens realizadas sobre outras temáticas (2).

De 1950 a 2003, as pesquisas sobre as visões tidas dos negros nos LDs brasileiros privilegiaram em sua maioria materiais didáticos e paradidáticos utilizados no ensino fundamental, relacionados principalmente as disciplinas História e Língua Portuguesa (3). Estas pesquisas tiveram principalmente como objetos de estudo os textos e as ilustrações presentes nas obras didáticas. De modo geral, foram realizadas poucas abordagens sobre a circulação e recepção deste material. No mesmo sentido, a maioria destes estudos se voltaram para os materiais didáticos e paradidáticos, ou seja, muito pouco se pesquisou acerca de outros materiais pedagógicos utilizados nas práticas cotidianas dos professores. Além disso, os referidos estudos apresentaram poucas discussões relacionadas à diversidade cultural e ao multiculturalismo. Este quadro deixa claro que, com estas dificuldades, a “retaguarda disponível para propor e implementar ações práticas é frágil, para além do diagnóstico genérico ‘os LDs brasileiros são racistas’, e da palavra de ordem genérica ‘é necessário mudá-los’” (4).

Com relação aos principais aportes teóricos utilizados nas pesquisas entre 1950 e 2003, privilegiaram-se as abordagens inspiradas na análise de conteúdos, análise de discurso, e enfoques predominantes em determinado momento nas pesquisas da sociologia da educação e/ou dos estudos raciais no Brasil. No específico ao campo histórico, a maior parcela dos trabalhos sobre o tema realizados nos últimos anos utilizaram teorias ligadas a História Cultural francesa.

As primeiras análises no Brasil sobre concepções tidas dos negros nos LDs, e preconceitos e *estereótipos* raciais contidos nestes materiais ocorreram na década de 1950. Em geral, essas pesquisas buscavam apreender preconceitos explícitos apresentadas nas obras abordadas. No entanto, foram encontradas incidências mínimas de preconceitos apresentados abertamente, mas os resultados constataram algumas características das representações dos negros nos LDs estudados: caracterização de personagens negros em situação social inferior; superioridade da população branca em beleza e inteligência nas *representações*; postura de desprezo e/ou piedade com relação aos negros; figura do negro associada a funções subalternas; justificação da escravidão como atividade econômica; figura positiva dos donos de escravos e omissão dos maus tratos aos escravos (5).

Na década seguinte estes estudos foram deixados de lado (6). No entanto, as abordagens foram retomadas no fim dos anos 70 e princípio dos 80, período do início da redemocratização do Brasil. Neste contexto foram realizados estudos que objetivavam encontrar nos LDs, além dos preconceitos apresentados explicitamente, *estereótipos* e discriminações implícitas. As pesquisas deste período tiveram grande influência das ações dos ativistas do movimento negro.

Nos anos 90 os estudos se ampliaram e diversificaram. Um ponto comum entre várias pesquisas realizadas sobre os negros nos LDs nesse contexto foi a busca de discriminações ocorridas na própria constituição do gênero. Desta forma, estes estudos constataram que os LDs eram produzidos visando principalmente o aluno branco, na busca da formação do adulto branco, que seria o esperado representante das elites brasileiras.

Em suma, os resultados de pesquisas feitas entre o fim dos anos 70 e o fim do século identificaram que: os *brancos* foram muito mais representados nas ilustrações, tendo seu lugar garantido em praticamente todas as posições de destaque; prevaleceram nas representações os contextos e valores da cultura européia; ocorreram poucas representações de *negros* nas *iconografias*; os *negros* foram em muitos casos, identificados nos textos apenas pela etnia e não pelo nome próprio, e representados em diversas ilustrações com traços estereotipados; a aparição de *negros* em contexto familiar ou em família não constituída de pessoas pobres foi bastante reduzida; os *negros* foram associados a um número limitado de atividades profissionais e representados principalmente em posições de menor prestígio; foi recorrente nas obras a associação de crianças *negras* a animais pretos e/ou a figura dos meninos de rua; foi realizada uma descrição dos *negros* como meros coadjuvantes das ações e dos processos históricos,

sendo invisibilizados os contextos socioculturais típicos dos negros; as culturas africanas não foram tratadas de modo complexo; as *populações negras* estiveram confinadas a determinadas temáticas; em vários casos enfatizou-se simplificada a vinculação da transformação do escravo no marginal contemporâneo; em alguns casos foi dado destaque a manifestações individuais de resistência negra, mas não a manifestações coletivas.

Contudo, foi também na década de 90 que começaram as mudanças mais significativas nas *representações* dos *negros* encontradas nos LDs. Pesquisas deste período identificaram a possibilidade de ruptura com o paradigma dominante após analisarem livros e coleções que romperam significativamente com visões *estereotipadas* tidas sobre os negros (7).

Assim, foram encontradas neste contexto obras que mostram os *negros* em funções sociais diversificadas: *representações* de negros com poder aquisitivo; humanização do tratamento das crianças negras; crianças *negras* apresentadas com feições positivas, em ambientes esportivos, de lazer ou escolares; utilização de nomes próprios para caracterização de personagens negros; *representações* de famílias negras; tratamento de temas históricos antes relegados e que contaram com intensa participação negra; maior inclusão dos *negros* como participantes dos processos históricos; *representação* positiva de ícones da resistência negra; *representação* positiva de caracteres fenótipos dos *negros*; etc.

Um dos elementos que possibilitou essas rupturas com os paradigmas tradicionais foi a influência de perspectivas historiográficas mais recentes durante a formulação dos LDs. Estes resultados são importantes por mostrarem que outras representações são possíveis, o que não deixa brechas para criação de visões fatalistas e/ou deterministas sobre o tema, e incentiva os que se esforçam para inverter o quadro negativo apresentado nas pesquisas nos últimos cinquenta anos do século XX.

Entretanto, as mudanças diagnosticadas ainda são bastante reduzidas e a maior parte das pesquisas mostram que os LDs foram e ainda são elementos privilegiados para a propagação do chamado “racismo à brasileira”, ligado ao mito da democracia racial existente no país e ao novo racismo contemporâneo, que tem um aspecto mais simbólico, indireto e mascarado, construído com base nas diferenças culturais e identitárias, e se diferenciando do racismo direto e explícito (8). Neste sentido, Silva (9), destaca que:

No livro didático a humanidade e a cidadania, na maioria das vezes, são representadas pelo homem branco e de classe média. A mulher, o negro, os povos indígenas, entre outros, são descritos pela cor da pele ou pelo gênero, para registrar sua existência.

Nesse sentido, não só os negros, mais todos aqueles que fogem da norma ou padrão ideal do mundo ocidental (homem, branco, heterossexual, cristão, jovem, magro) acabam sendo

desfavorecidos nas *lutas de representações* existentes na sociedade brasileira. Desta forma, a “historiografia centrada na visão europeia, onde os elementos negro e índio aparecem como ‘os diferentes’, naturaliza a idéia de que o normal é ser branco” (10). O que faz com que muitos saberes, não apenas específicos de outras culturas, mas igualmente importantes para a humanidade e formação dos seres humanos, sejam sumariamente deixados de lado. De modo geral, a maior parte das análises que buscaram entender as formas como os negros foram representados nos LDs de História constataram que:

Quanto aos antigos livros de Estudos Sociais e atuais livros de História, as pesquisas evidenciam como tendência predominante a perspectiva eurocêntrica, a ênfase na representação do negro associado à escravidão, a omissão a práticas de resistência negra, o tratamento de negros como objeto (11).

O LD está assim contribuindo “para que no processo cognitivo de apreensão do conhecimento, determinados valores sejam reforçados de forma estereotipada, influenciando negativamente na formação identitária de alunos e professores” (12).

Com relação às *iconografias*, as pesquisas mostraram que são apresentadas predominantemente imagens dos negros associadas ao trabalho escravo. Em geral, são privilegiadas as ilustrações *canônicas* de pinturas produzidas no Século XIX por artistas como Jean-Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas. Desta forma, as representações *iconográficas* estariam contribuindo para o reforço da ligação da imagem dos negros apenas a escravidão.

Não se pode deixar de lado a realidade difícil vivenciada pelos escravizados durante os quatro séculos de escravidão, entretanto, ignorar aspectos da cultura, e das relações sócio-culturais efetivas dos sujeitos que se estabeleciam na sua vivência cotidiana, é reduzir a um plano simplista a dinâmica da História. As representações textuais e *iconográficas* predominantes nos LDs estariam assim omitindo inúmeras características da resistência negra a dominação e a escravidão, como, por exemplo, fuga para quilombos, reunião de escravos e negros libertos em Irmandades Negras, assassinato de senhores, além de outras resistências presentes no dia-a-dia, como quebra de ferramenta no trabalho, labor em ritmo mais lento do que o exigido, manutenção de elementos religiosos das culturas africanas, etc.

Não se trata de propor a omissão das *representações* dos *negros* onde estes estejam em situações desfavoráveis socialmente, muito menos de defender o esquecimento da histórica marginalização dos *negros* na sociedade brasileira, mas a educação e o ensino da trajetória dos homens no tempo não podem se ater apenas a estes pontos.

Nesse sentido, ignorar a complexidade dos processos históricos significa jogar fora saberes bastante aprofundados, em troca de visões reducionistas, o que contribui para internalização por parte dos alunos de uma forma de pensar “compartimentalizada, mecanicista,

disjuntiva, parcelada, [que] destrói a complexidade do mundo em fragmentos distintos, fraciona os problemas, separa o que está unido, unidimensionaliza o multidimensional” (13).

O histórico “esquecimento”, por exemplo, da inclusão da História da África no ensino de História, fez com que muitos conhecimentos importantes para a humanidade fossem deixados de lado (14). Saberes fundamentais para o entendimento da humanidade foram assim relegados, o que se caracterizou como uma perda imensa para a ampliação de conhecimentos no país. Estas representações reducionistas acabam se propagando pela sociedade, o que faz com que elas incitem práticas tão limitadas quanto elas. Nesta perspectiva:

Os alunos, embora nem sempre reconheçam esses conteúdos como discriminatórios, identificam-nos e utilizam-nos com fins de depreciar os colegas (...) Por outro lado, os sujeitos docentes ignoram-nos e negam sua existência, demonstrando uma significativa insensibilidade para a percepção desses conteúdos no principal recurso utilizado no processo educativo escolar (15).

Contudo, apesar de todos estes entendimentos, deve-se atentar para uma questão muito importante: as imagens estereotipadas e os “componentes racistas [apresentados nos materiais didáticos e paradidáticos] podem conviver com a exortação de valores igualitaristas e lições de combate ao racismo” (16). Este ponto demonstra a complexidade do tema, e a atenção e sensibilidade exigidas do pesquisador que pretende se debruçar sobre ele. O estudo sobre as *representações* dos negros nos LDs deve levar em conta que determinada obra, seja ela didática ou não, surge em um contexto específico, e estando seus autores imersos neste contexto, que é representado em suas obras.

Além disso, a noção de autoria do LD pode ser questionada, haja vista que, afóra aqueles que assinam a obra, existem vários outros sujeitos envolvidos na produção destes materiais: editores, ilustradores, revisores, diagramadores, etc. Ou seja, pode-se observar que vários agentes estão envolvidos na produção de um LD, o que o coloca no interior de uma rede complexa de visões e interesses. Desta forma, pode-se observar que os “autores não escrevem livros: não, escrevem textos que outros transformam em objetos impressos.” (17).

Com esta compreensão evita-se uma tentativa de “caça as bruxas”, na expressão de Silva (18), ou de demonização dos produtores dos LDs. A própria historicização deste tipo de abordagem possibilita a compreensão de que as visões negativas acerca dos negros estão inseridas em uma rede sistemática e não casual, e que a *culpa* na estaria em apenas um ou outro autor, ou nos sujeitos envolvidos com estas produções. O que também não significa de se deve isentá-los da reprodução de visões depreciativas acerca de negros ou outros sujeitos sociais.

Um Outro Olhar Para as os Negros Representações Iconográficas

Tendo como base estas questões, foram efetuadas as análises das *iconografias* apropriadas nos livros analisados. Análises estas efetuadas em quatro etapas.

Na primeira etapa realizou-se a leitura completa das obras, observando os seguintes pontos relativos as suas estruturas: detalhes técnicos; propostas de trabalho inclusas nos elementos pré-textuais; concepções tidas acerca da disposição dos conteúdos; papéis atribuídos as imagens; concepções de história apresentadas; forma de organização dos capítulos; quantidade de imagens por capítulos; tipo de *iconografias* apresentadas; quantidade de *iconografias* que retratam seres humanos ou figuras representativas de humanos; dimensões das imagens se comparada a estrutura do livro e ao conteúdo dos capítulos; visualidade e inteligibilidade das *iconografias*; quantidade de imagens de cunho ilustrativo; reprodução ou não das chamadas *imagens canônicas*; quantidade de imagens de cunho complementativo; apresentação ou não de referências para as *iconografias*, indicando seu título, autor e período de produção; existência ou não de textos complementares acompanhando as *iconografias*; *representações* textuais relativas aos *negros*.

A segunda etapa constituiu em observação mais detalhada das *iconografias*, identificando nestas os seguintes aspectos: assuntos tratados; continentes e países, nações, estados e/ou povos *representados*; quantidade de *representações* de *negros*, *brancos*, *indígenas* e outros; proporcionalidade de *representações* de cada um dos referidos grupos segundo os sexos; proporcionalidade das *representações* sobre as crianças dos grupos abordados; quantidade de *representações* envolvendo personagens *negros* de destaque na história do Brasil.

A terceira etapa constituiu na leitura *interna* (19) de cada *iconografia* onde foram *representados negros* e/ou elementos relativos às *populações negras*. Neste ponto foram observados os seguintes aspectos específicos de cada *iconografia selecionada*: tema; título; autor; cena retratada, contextos físico, institucional, político, histórico e social retratados; contexto de sua produção; posturas dos personagens em geral e dos personagens *negros*; vestimentas dos personagens em geral e dos personagens *negros*; espaço retratado; relações interpessoais *representadas*; relações familiares *representadas*; proporcionalidade das imagens de personagens *negros*, se comparado às *representações* de outros grupos e ao tamanho da página; formas de *representações* das características fenotípicas dos *negros* em detrimento das de outros grupos; posicionamento dos personagens *negros* nas cenas retratadas, observando se estes foram *representados* de modo central ou periférico; diversificação de papéis atribuídos aos *negros* nas cenas retratadas; recorrência de *representações* dos *negros* enquanto agentes ativos ou passivos; recorrência de *representações* de manifestações *negras* coletivas; *representações* da *negritude*; existência de pré-conceitos explícitos ou implícitos para com os *negros* nas *iconografias*.

Na quarta etapa foram somados os resultados das análises específicas de cada *iconografia*, o que possibilitou uma visão mais complexa da rede formada pela sistematicidade das *representações iconográficas* apropriadas pelos autores/produtores dos LDs analisados.

Deste modo, os seguintes pontos foram observados com relação a análise geral das *representações dos negros* contidas nas *iconografias*: reafirmação ou não de um lugar social estereotipado; diversidade ou não de papéis e funções sociais; visões gerais apresentada em cada livro e no conjunto das obras; concepções sobre os negros apresentadas; aspectos inclusos e omitidos em comparação com obras analisadas em outras pesquisas; continuidades e descontinuidades com a forma como tradicionalmente as *populações negras* foram representadas.

Por último, efetuou-se o cruzamento dos resultados obtidos nas quatro referidas etapas, o que possibilitou um panorama geral do que foi identificado nas análises iconográficas.

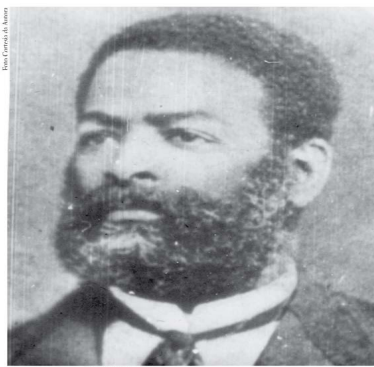
Estes resultados foram então associados às discussões teóricas, historiográficas e temáticas levantadas por outros pesquisadores, o que possibilitou a obtenção das respostas aos problemas levantados no projeto inicial, e das conclusões finais acerca das formas como os negros foram representados nos LDs analisados.

No que se refere à formação do acervo iconográfico, foram reunidas centenas de imagens presentes nos LDs analisados através de pesquisas na internet, bem como iconografias que não foram representadas nestes livros, mas que são igualmente representativas dos contextos históricos retratados.

Um exemplo de iconografia que faz parte do acervo é uma gravura de Debret (abaixo) onde é representado um escravo negro sendo castigado com uma vara por um capitão do mato, e ao fundo um escravo castigando uma escrava através do mesmo procedimento. Esta imagem está presente em Piletti e Piletti (20), e sem uma maior problematização, como ocorre na obra, acaba gerando uma imagem de submissão e passividade dos escravos.



Gravura do Século XIX, de autoria
De Jean-Baptiste Debret



Luis Gama (1830-1882).

Foto de autoria desconhecida

Imagens como a do abolicionista, advogado e ex-escravo Luis Gama (acima), não representada nos LDs analisados, reforçam a constatação de que também existiram negros intelectuais no século XIX, quebrando assim com a associação dos negros no século XIX apenas ao modelo: escravidão, pobreza e violência.

Nesse sentido, a reunião de imagens não apresentadas nos LDs analisados possibilitou um maior entendimento acerca do não dito sobre a diversidade cultural brasileira, sobretudo no que se refere as populações negras. Nesse sentido, observaram-se nestas iconografias os inúmeros papéis e funções dos negros nos vários séculos da História brasileira.

O referido acervo, após devidamente organizado, estará disponível para consulta em local a ser determinado, podendo fazer parte de uma exposição que relacione o que foi exposto nos LDs e o que foi omitido deles. As iconografias do acervo digital em pouco tempo serão também disponibilizadas para cópias.

1 – ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Batista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan/jun. 2003.

2 – *Id. Ibid.*

3 - Como o objeto de estudo desta pesquisa foi o LD de História, serão abordadas questões, por um lado, relativas apenas a este livro, e por outro, relacionadas a temática representações dos negros nos LDs de um modo geral. Deste modo, não serão discutidas neste espaço questões específicas dos LDs de Língua Portuguesa

4 - *Id. Ibid.*, p. 131.

5 - *Id. Ibid.*

6 - Sobretudo devido às conseqüências do golpe militar de 1964 para as pesquisas e os estudos desenvolvido nos campos das ciências humanas no país.

7 - SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. Brasília: Mec/Secad, 1999. P. 21-37.

8 - MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 20 de jan. 2007.

9 - SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. Brasília: Mec/Secad, 1999. P. 21.

10 - COSTA, Warley da. **Olhares sobre olhares**: representações da escravidão negra nos livros didáticos. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 18 de mai. 2008. P-5.

11 - ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Batista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, jan/jun. 2003. P. 136.

12 - COSTA, Warley da. **Olhares sobre olhares**: representações da escravidão negra nos livros didáticos. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso: 18 de mai. 2008. P-6.

13 - MORIN, Edgar. A necessidade de um pensamento complexo. In: MENDES, Candido (org). **Representação e complexidade**. Rio de Janeiro, Garamond, 2003. P. 71.

14 - OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. **Estudos Afro-Asiáticos**. Salvador, no 3, p. 421-461, 2003.

15 - COSTA, Candida Soares da. **O negro no livro didático de língua portuguesa**: imagens e percepções de alunos e professores. Cuiabá: UFMT/IE, 2007. P. 90-91.

16 - ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Batista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.29, n.1, jan/jun. 2003. P. 136.

17 - CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, no 11, abril 1991. P. 182.

18 - SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele. (Org). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. Brasília: Mec/Secad, 1999.

19 - BITTENCOURT, Circe. Identidade Nacional e Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2003. P. 185-204.

20 - PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. História & vida integrada: 7ª série. São Paulo: Ática, 2002. O outro livro analisado na pesquisa foi SILVA, Francisco de Assis. História: 7ª série – Do século XVIII ao século XX. São Paulo: Moderna, 2001.